

ZERO

Nº 1 - ANO XI - FLORIANÓPOLIS, 5 DE OUTUBRO DE 1993
CURSO DE JORNALISMO DA UFSC

ENCHENTE DE PROMESSAS

A história de Alfredo Wagner,
uma cidade arrasada pelas chuvas
e esquecida por todos

Nº 1
ANO XI
OUTUBRO 93
CURSO DE JORNALISMO
CCE-COM
Melhor Peça Gráfica
I, II, III, IV e V
Set Universitário
Maio 88
Setembro 89, 90 e 91
Outubro 92

Jornalismo, conhecimento e diploma



A informação, no Brasil, deixou de ser um bem social para constituir-se em bem de mercado. Tendo proprietários, é negociada a partir dos interesses de uma elite que controla impiedosamente o país.

O diploma exigido para o exercício da profissão de jornalista significa uma autorização concedida a partir da identificação de um conhecimento desenvolvido organizadamente por instituições estruturadas com essa finalidade.

Longe de ser uma preocupação corporativa, é uma conquista que impede, legalmente, que seja a profissão assaltada por um aventureirismo capaz de levá-la à diluição.

Os proprietários da informação são esforçados defensores de uma abertura dita democrática que preconiza o acesso de todos ao pretensão de manifestar-se. Puro sofisma.

Na verdade, o que se pretende é a ampliação desmedida da massa profissional que, tornada difusa, permitiria uma extraordinária oferta de mão de obra, já que as exigências for-

mais estariam extintas. Com isto, o nível de remuneração cairia ainda mais, a rotatividade seria mais intensa e o controle sobre a produção da informação mais eficaz.

De quebra, a organização sindical veria seus caminhos de reivindicação perderem o sentido. O medo seria o grande redutor. Perderíamos o melhor de nossa dimensão humana e política. Tenderíamos a nos transformar em obedientes profissionais.

A alegação de que as universidades não estão bem equipadas do ponto de vista humano e material, e que não conseguem produzir bons profissionais, poderíamos contrapor que a

vimento humano. Podemos até crescer, mas certamente, vamos nos deformar.

Se a universidade é defeituosa, vamos reformá-la, destinando-lhe mais recursos, e criar mecanismos confiáveis de avaliação sobre a real qualidade e serventia do conhecimento por ela produzido.

Vamos ser mais exigentes quanto à habilitação verdadeira dos professores e técnicos que nela ingressam, sempre pensando na justiça de seus salários e em suas condições de trabalho.

Não só a universidade necessita de realinhamentos. Não vamos nos esquecer da urgência em criarmos meios de um efetivo controle social sobre a qualidade e a natureza da informação que nos é endereçada. Evidentemente, vão falar em "volta dos tempos da censura". A esta chantagem política, poderemos responder àqueles que se arvoram de proprietários, talvez por direito divino, da informação, e que são apenas concessionários de um serviço público e não donatários de capituladas hereditárias, autoritários mercadores de verdades sob suspeição.

Precisamos aprender, e rapidamente, a cobrar-lhes respeito quando do uso de um bem público e controlar a barbárie com que todos se lançam ao lucro e ao poder, em uma viagem tresloucada e sem limite, sem dar satisfações a quem quer que seja.

Luís Humberto M. Pereira
Prof. Titular em Fotografia
Universidade de Brasília

Os padrões pedem democracia. "Puro sofisma"

qualificação profissional não se esgota na conclusão de um curso, qualquer que seja ele, mas desenvolve-se pela vida toda. Pelo acúmulo de experiências vividas e pelas reflexões produzidas a partir delas.

Se por um lado, o exercício profissional nas redações nos faz crescer, pode também ser desestimulante pelo clima de competição, ameaças e atenuações que aparecem cotidianamente. Uma atmosfera de intolerância e disputa pelo poder, em uma irritante cintilação de egos, não é exatamente um espaço generoso para o desenvol-

Sem condições de uso

Auditório do Convivência serve de albergue noturno e depósito de lixo

Inaugurado há 14 anos, o Auditório do Centro de Convivência da UFSC já foi considerado o mais bem equipado do campus, com boa acústica, ar condicionado, sala de projeção, boa iluminação e cadeira estofadas com cinzeiros anexos. Atualmente, o auditório está todo depredado: marcas de cigarro e goma de mascar no carpet, cinzeiros arrancados, estofamentos das cadeiras e papéis de parede rasgados. Uma janela inteira com armação de alumínio e aparelhos de ar condicionado foram roubados.

O auditório tem como funções servir de local para a realização de cursos, palestras, formaturas e para exibição de filmes. Porém, ele é usado, eventualmente, para ensaios de peças teatrais e como alojamento de estudantes. O problema não está no uso em si, mas no fato de que, depois de ocuparem o local, deixam garrafas de bebidas, panos velhos, cabos de vassoura e muita sujeira. Até meninos de rua já foram encontrados lá. Segundo Vitor Ferreira, membro do Diretório Central dos Estudantes, há alunos que têm a chave do auditório e dormem lá nos

finais de semanas. "Há indícios de grupos que se reúnem para fumar maconha", diz. Vitor acredita que as cópias da chave foram conseguidas por descuido ou irresponsabilidade de gestões passadas do DCE.

As lâmpadas do auditório também são roubadas frequentemente. Um projetor 16mm teve que ser retirado porque urinavam em cima do aparelho. O camarim também serve, entre outras coisas, de banheiro.

A manutenção da sala é de responsabilidade da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão e o DCE se ocupa da agenda e da limpeza. Uma funcionária da universidade - paga pelo próprio DCE - limpa o auditório às segundas-feiras, mas o camarim e uma sala para guardar equipamentos continuam cheios de entulhos, a prova da desordem.

Segundo Vitor, no começo da gestão "carapintada", em 93-1, o mem-

bros do DCE fizeram um pedido formal à Pró-Reitoria para uma reforma do auditório. Ele conta que o Pró-Reitor Júlio Wiggers teria dado uma resposta verbal de que ele deverá ser reformado durante o período de férias. Procurado pelo ZERO no último dia 29, o pró-reitor estava em reunião e não pôde dar entrevista. A única providência tomada até agora foi a troca da fechadura da porta.

Patrícia Márcia



Camarim do auditório está depredado e é usado também como banheiro
Foto Jaime Luccas

Os pecados

Na edição nº 7, a matéria de Mariano Senna, "Os pecados da UFSC", consta que: "Pior é a situação do Centro de Ciências Jurídicas que em 1990 teve nove publicações e não diplomou ninguém na pós-graduação".

Desconhecemos a fonte utilizada, mas os registros (ATAS) do Curso de Pós-Graduação em Direito comprovam um total de 11 trabalhos defendidos. Em comparação com outros cursos de pós-graduação em Direito do Brasil, o Curso da UFSC se destaca por obter a melhor média de alunos matriculados X dissertações defendidas. No que se refere às publicações do CCI em 1990, foram publicados um livro e 14 artigos em revista.

Ante o exposto, o CCI se coloca à disposição do corpo editorial desse jornal laboratório para oferecer maiores explicações.

Atenciosamente,
Nilson Borges Filho
Diretor do CCI

Nota do repórter: A fonte utilizada pelo ZERO foi o relatório anual de Produção Científica da UFSC. O órgão que faz este relatório é o Departamento de Apoio à Pesquisa (DAP). Detalhe: quando procurado pela reportagem do ZERO, o CPGD não mencionou o destaque da faculdade de Direito da UFSC em relação aos outros cursos do país.

Na reportagem "Os pecados da UFSC" (ZERO 06/09/93) o Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas (EPS) foi apresentado como exemplo de quem tem espaço e material de sobre no contexto de carência geral da UFSC. A reportagem cita a existência de 15 micro-computadores em salas de professores e mais 50 outros em laboratórios do EPS. Os números reais são: 13 micros em salas de professores, 37 em laboratórios e mais 5 em serviços administrativos. Deste total, apenas um único Solutions 16-xt (sem winchester) foi adquirido com recursos orçamentários da UFSC. Os demais foram adquiridos ou pessoalmente pelos professores ou através de iniciativas de projetos submetidos ao CNPq, FINEP, Fundação Banco do Brasil e outras agências financiadoras de pesquisas. O "pecado" do EPS foi então o de empenhar-se em obter recursos não orçamentários da UFSC para melhor realizar suas atividades de ensino, pesquisa e extensão? A reportagem mostrou de um modo assimétrico o EPS, focalizando apenas na "abundância" de seus recursos de informática. A contraparte, os trabalhos aqui realizados, não foi citada. Não obter resultados nos parece que seria o pecado maior.

Neste sentido, deve ser observado que: o coeficiente de publicações/docente do EPS em 1991, alcançou 2,66 (contra 1,05 da UFSC); o curso de graduação em Engenharia de Produção foi distinguido no Guia do Estudante 1994 (Edit. Abril) com um rótulo de "4 estrelas" e o Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção é o maior da UFSC em número de alunos, tendo conceito "A" na CAPES.

Cordialmente
Prof. Edgar Lanzer
Chefe do Departamento de EPS

Nota do repórter: A matéria citada, em momento algum afirma que o EPS usou recursos da universidade para adquirir computadores. Segundo informações colhidas com funcionários e professores do EPS, apenas três computadores foram comprados pelos próprios professores. A matéria deixa bem claro que a maioria dos equipamentos adquiridos através de "bolsas de pesquisa".

Por um pedacinho de terra perdido no mar

No ano de 1748 chegaram a Santa Catarina os primeiros imigrantes açorianos enviados pelo rei de Portugal para colonizar o Sul do Brasil. Grupos de povoadores aportaram em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, e na região de Laguna. De lá, migraram novamente, rumo às terras do Rio Grande do Sul. Ali fundaram, entre outras, Tramandaí, Viamão e Porto dos Casais, hoje Porto Alegre.

Séculos depois o fluxo se inverteu. Desta vez são os gaúchos que se mudam para Florianópolis. Gelci José Coelho, mais conhecido como Peninha, se considera um dos culpados pela "invasão gaúcha". "Em 74 nós fizemos um festival de rock na Palhoça, o Palhostock. Vieram muitos gaúchos, a maioria gostou da ilha e resolveu ficar por aqui", disse Peninha, museólogo no Museu de Antropologia da UFSC.

Cacau Menezes, colunista do Diário Catarinense, culpa não só os habitantes da ilha pela invasão. Ele diz, num tom nervoso, que os gaúchos comparem Porto Alegre com Florianópolis. "Querem que a nossa pequena província tenha as mesmas coisas que Porto Alegre e mais as praias". Para Cacau, o charme de Florianópolis é justamente ser província.

matuto". "Os gaúchos são os responsáveis pela introdução desses valores modernos e da destruição dos valores religiosos açorianos", disse Peninha.

Mas esses valores não estão mortos. Talvez um pouco escondidos. João Freitas, de 67 anos, nascido no Ribeirão da Ilha, "dá certeza" de que no Ribeirão tem muita gente que sabe cantar Terno de Reis. Nas comunidades do interior da ilha ainda persistem esses valores. No Sambaqui, no início do ano, uma moça foi para o seu casamento em carro de bois, e na cerimônia foi feita a dança de pau de fita. Costumes tipicamente açorianos. A Farra do Boi é praticada em muitas comunidades de Florianópolis, apesar da intensa propaganda contrária à manifestação.

Os gaúchos são os responsáveis pelo fim das tradições

Cacau Menezes acha que o problema dos gaúchos é negar as tradições diferentes das suas. "Tem gente ensinando vanerão na Costa da Lagoa", critica. Ele é contra a criação de CTGs na ilha, argumentando que Florianópolis se identifica muito mais com esportes náuticos e com a pesca do que com cavalos xucros e chimarrão. "Não sou contra a vinda

Depois que Zininho abriu a boca no Zero, a briga surda entre açorianos e gaúchos sobre a posse da Ilha rendeu barulho. Agora o jornal cumpre seu papel com isenção, ouve os dois lados; e comete a heresia de servir churrasco com pirão.



Em outubro de 1845 D. Pedro II e dona Tereza Cristina vieram ao Sul do Brasil para celebrar a reanexação dos territórios de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, derrotados na revolução. Fazendeiros, com suas famílias e peões, chegaram de toda a região de Lages, Curitiba, São Joaquim e Bom Retiro para festejar a família real com uma grande manifestação artístico-cultural. No local onde hoje é o bairro do Kobrasol, em São José, foram apresentadas competições de tiro-de-laço, doma de cavalos, e danças folclóricas. Foi o primeiro rodeio gaúcho com a finalidade de demonstração pública, feito no Brasil.

Até hoje, o fato serve de argumento para os catarinenses gaúchos explicarem a origem das práticas tradicionalistas no estado. Francisco de Assis Cordeiro, ex-prefeito de Florianópolis, explica que essa tradição nasceu e se difundiu em toda a bacia do prata e no Brasil atingiu os três estados do Sul, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Por pura preguiça, açorianos deixam morrer os costumes

"O gaúcho não tem fronteiras. Os sul-riograndenses (nascidos no Rio Grande) ficaram com a fama de gaúchos só por causa da grande extensão do pampa", diz. Ilhéu da gema, criado na Trindade e hoje morador do bairro Saco Grande, Francisco de Assis é o "agregado das falas" (uma espécie de relações públicas) do Centro de Tradições Gaúchas Figueira Velha, de São José.

Na polêmica sobre a invasão gaúcha da Ilha, o "manezinho" de Pântano do Sul, Ivan Duarte, disse que os ilhéus cultuam mais o rock e o surf ("coisa de americano") do que suas tradições açorianas. Segundo ele, que é narrador de rodeios e tradicionalista convicto, quem critica os gaúchos deveria conhecer essa tradição do homem do campo e não só ir aos

EUA para aprender rock. E pergunta "o que os ilhéus açorianos fazem para preservar sua cultura?". Opinião semelhante tem o paranaense Irapuã Pereira Jorge, médico-radiologista que vive em Florianópolis há 20 anos. "Por preguiça os açorianos estão deixando morrer tradições como boi-de-mamão as danças do pezinho e do caranguejo", diz. "Até a festa de Nosso Senhor dos Passos, que era a maior festa popular da cidade, transformou-se numa procissão de duas quadras no centro".

O MTG de Santa Catarina tem 366 CTGs filiados e é considerado um dos mais organizados do Brasil. No ano passado, através da lei 8.620, sancionada pelo governador Wilson Kleinübing, eles conseguiram oficializar as comemorações da Proclamação da República Juliana de SC, que ocorreu em 29 de julho de 1839, em Laguna, e será festejada todos os anos na primeira semana de agosto. Outro exemplo da força dos tradicionalistas catarinenses foi a eleição, em maio de 1991, de Jacob Moon Filho para a presidência da Confederação Internacional da Tradição Gaúcha, que reúne o Brasil, a Argentina e o Uruguai. Advogado, nascido em Petrolândia, Jacob recebeu do próprio governador Kleinübing a Comenda Anita Garibaldi, durante o 1º Encontro de Tradicionalistas Gaúchos de SC, no último dia 3 de setembro.

Entre os gaúchos que vieram cultivar suas tradições na Ilha está o jornalista Homero Franco. Ele saiu do Rio Grande há 30 anos, viveu vários anos no oeste catarinense, e veio para Florianópolis em 1983. Conhecido como Mano Terra, o jornalista tem um programa diário, entre 6 e 7h da manhã, na Rádio Barriga Verde. Segundo ele, o Raízes Nativas é líder de audiência no horário; "ou esse povo todo que me escuta tá ficando louco, ou gauchismo cresce por ter raízes". "Se Florianópolis é a capital de todo o Estado deve acolher todas as manifestações culturais, não só as da Ilha".

Jaime Luccas



"Os gaúchos vieram pro Palhostock e nunca mais voltaram pro Rio Grande. A culpa é toda minha", confessou Peninha. Foto Giancarlo Proença

Parece consenso nesta polêmica que o enfraquecimento da tradição açoriana resulta da idéia que não ser uma cidade grande é algo ruim. Para Peninha, a tradição e a preservação cultural foram dizimadas em nome da modernidade. Conta a história de uma gravação de Terno de Reis para a TV no interior da ilha. Quando iam começar a rodar chegou o filho do velhinho que ia cantar o Terno. O rapaz mandou parar tudo porque o pai dele "não ia mais cantar essas coisas de

de gaúchos para cá, mas CTG destoa do clima da ilha. Sou contra a introdução da cultura gaúcha".

Quanto à taxa de preguiçosos, Cacau explica: "Não somos preguiçosos, somos contemplativos. Floripa é para viver, não pra ganhar dinheiro". Realmente, não se pode negar o valor de uma rede e o barulho do mar, depois de uma boa panelada de berbigões.

Giancarlo Proença

O tradicionalismo passa de pai para filho e não poupa ninguém. Tem até ex-prefeito da capital dando suas laçadas (esq.) Foto Jaime Luccas





**TERRA PARA PLANTAR
CASA PARA MORAR**

**Texto e fotos
Jaime Luccas**

**Mais de 15 mil pessoas
vieram à Florianópolis
pedir um pedaço
de chão para plantar**



Romaria dos deserdados

Até o ano 2000, um terço da população em SC não terá casa para morar

Há 22 anos, Erondino Pereira de Andrade deixava a sua chácara de três hectares em Quilombo e ia tentar a vida na cidade. Falido, mas honesto, ele vendeu a chácara, os cem porcos, os dois bois e até o cavalo de estimação para pagar as duas últimas parcelas de um empréstimo bancário. Depois de trabalhar 15 anos em um frigorífico em Chapecó, Erondino decidiu voltar para o campo, agora como arrendatário de 7 ha em Caxambu do Sul, onde cultiva feijão. Cada um com sua versão, pelo menos 15 mil Erondinos vieram a Florianópolis para participar da 8ª Romaria da Terra de Santa Catarina que foi realizada em 12 de setembro, com o lema "Terra para plantar e casa para morar".

"É preciso unir todos os deserdados, os sem terra, sem teto, sem saúde, sem escola, sem emprego e sem título de cidadania", disse o bispo de Chapecó, Dom José Gomes, que aos 72 anos já perdeu a conta das ameaças de morte que recebeu por defender a reforma agrária. Considerada a maior manifestação do estado, romaria é organizada todos os anos, desde 1986, pela Comissão Pastoral da Terra, CPT, que decidiu trazer o evento para a capital para unificar a luta pela reforma agrária e a luta pela moradia nas cidades.

Estado de contradições, Santa Catarina tem muito mais Erondinos do que os presentes na Romaria da Terra. Existem hoje 145 mil famílias catarinenses sem-terra. Dessas, 600 estão acampadas em 11 áreas ocupadas à espera de reassentamento. Os pequenos agricultores são os responsáveis por Santa Catarina ser o quinto maior produtor de alimentos do país, mas a concentração de terras é grande. Existem 235 mil pequenas propriedades rurais (94% do total de propriedades) que estão abaixo dos 100 ha e, portanto não podem ser desapropriadas para a reforma agrária. Por outro lado, 1% da população é proprietária de 49% das terras no Estado.

A principal dificuldade dos pequenos agricultores continua sendo tornar o trabalho lucrativo. "O banco não empresta dinheiro, a safra de feijão não cobre as despesas e o único que ganha dinheiro é o cerealista que compra a nossa safra e revende em São Paulo", desabafa Antônio dos Anjos, que ainda consegue manter uma pequena propriedade em Dionísio Cerqueira. A mecanização da lavoura, aliada a uma política agrícola voltada para a exportação através das agroindústrias, contribui para aumentar o problema. Há ainda os altos juros dos financiamentos agrícolas que muitas vezes obrigam os agricultores a venderem suas terras para pagarem os empréstimos. Mais por essa falta de perspectiva do que pelo desconforto — em Santa

Catarina, 85% das propriedades rurais têm energia elétrica, 84% têm geladeira e 75% têm TV — os jovens são os que abandonam o campo e vão tentar a vida na cidade.

Como todos sabem, no campo falta terra para plantar, na cidade falta casa para morar. O déficit habitacional no estado chega a 250

mil unidades e a previsão é de que até o ano 2000 o número chegue a 340 mil. Ou seja 33% de uma população de 5,3 milhões de pessoas não terá casa para morar. Esses problemas se tornam sempre maiores na medida em que a migração campo-cidade continua. Em 1960, a população na área rural correspondia a 68% do total e

em 1990 caiu para 29%. As previsões são de que até o ano 2000 menos de 10% dos catarinenses estará vivendo no campo.

Na falta de medidas governamentais para conter a peregrinação para a cidade, os próprios agricultores procuram soluções. Em Caxambu do Sul, por exemplo, foi fundada uma cooperativa de crédito para pequenos agricultores que já tem 186 sócios. O objetivo é "fugir da exploração dos bancos e das grandes cooperativas", explica Erondino, que é um dos sócios-fundadores. Também está ganhando força no estado a Associação dos Pequenos Agricultores do Estado de Santa Catarina (APACO) que busca soluções cooperativas, como sementeiras e estábulos comunitários, para baratear os custos de produção e melhorar os preços na hora da venda.

Durante a romaria do dia 12 os participantes fizeram uma homenagem às outras vítimas da violência dos massacres sociais: o Carandiru, Yanomamis, Candelária e favela de Vigário Geral. Pediram por justiça e foram convidados a apoiar a campanha contra a revisão constitucional que está sendo feita em todo o país, liderada por entidades como



A fé esteve presente nas manifestações dos participantes da 8ª Romaria da Terra

1% da população é dona de metade das terras do estado

OAB, CUT, CNBB e uma centena de sindicatos. Para o padre Geraldo Locques, um dos coordenadores da CPT, a revisão se justificaria somente se tivesse sido aprovado o parlamentarismo. "Esse congresso defende os interesses das elites e quer tirar da constituição as conquistas sociais que o povo conseguiu com anos de luta".

Entre conquistas e derrotas os pequenos agricultores e os sem-terra aprenderam a se organizar e lutar pelos seus direitos. Depois de uma experiência política na cidade, que quase o elegeu vereador em Chapecó, no caminho de retorno ao campo, seu Erondino virou líder sindical. Hoje ele é membro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e do Movimento dos Sem-terra no seu município e alguns dos seis filhos seguem a mesma trilha. Um é presidente de sindicato em Chapecó e uma filha é líder dos sem-terra no Maranhão. Outro agricultor que se tornou sindicalista é José Kaiser, de São José do Cedro. No início de setembro, ele esteve em Brasília junto com outros 400 líderes sindicais para reivindicar a regulamentação dos assentamentos de terras e política agrícola que privilegie os pequenos produtores. Convencido de que a reforma agrária só sairá do papel com a organização e a pressão dos movimentos populares, Kaiser tem até uma solução simples para o problema: "bastaria o governo criar uma tabela de taxa progressiva sobre as grandes propriedades que a reforma agrária seria feita pelos próprios donos das terras. E quase espontaneamente.

Colaboração
Maurício Oliveira

Em vez de expulsar a pobreza, cidades catarinenses querem expulsar os pobres



Xô pobreza!

Alguns municípios catarinenses decidiram voltar à Idade Média. Só que em vez de erguer muralhas vão iniciar um processo de triagem entre os migrantes que chegam à cidade como medida para impedir o aumento das favelas. Em uma reunião dos secretários de saúde e bem-estar social de 26 municípios realizada no início de setembro, em Rio do Sul, a tese defendida é que cada município deverá administrar sua própria miséria, sem exportá-la para os demais.

De acordo com Luiz Carlos Zaniz, secretário municipal da Saúde e Bem-estar Social de Rio do Sul, cada prefeitura deverá criar um modo, através da assistência social ou de triagem nas próprias rodovias, de descobrir a procedência e a situação sócio-econômica dos que chegam à cidade. "Se alguém vier como franco atirador, sem emprego, sem boa situação econômica nem laços familiares, tentaremos convencê-lo a voltar para sua cidade

de origem", explica Zaniz. Desse modo cada município teria a liberdade de levar os visitantes indesejados de volta às suas cidades de origem e entregá-los à prefeitura. Ele esclarece que se for mão-de-obra especializada e houver trabalho na cidade "logicamente se tentará arranjar trabalho para essas pessoas. Mas se forem alcoólatras ou drogados fica mais difícil..."

Entre os municípios que estavam representados na reunião de Rio do Sul destacam-se Joinville, Itajaí, Balneário Camboriú, Blumenau, Brusque e Lages. Na avaliação de Zaniz já são 60 os municípios que integram esse movimento, mas breve serão mais de 100. No início de outubro deverá acontecer outro encontro semelhante, em Balneário Camboriú, para dar continuidade ao trabalho iniciado em Rio do Sul.

A aceleração da migração do campo para as pequenas cidades e daí para os pólos industriais tem preocupado muitas

prefeituras. Dos 260 municípios catarinenses, 35 são considerados em processo de inchaço, com crescimento populacional até 50% superior à média do estado que é de 2,05% ao ano. Outros 191 municípios estão diminuindo a cada ano e 73 desses correm o risco de desaparecer em poucos anos. Para se ter uma idéia desses extremos, Bom Jardim da Serra, no Planalto tem crescimento negativo de 4% ao ano, enquanto Sombrio, no litoral sul cresce mais de 6% no mesmo período.

Para resolver o problema da migração, segundo Loreci Ribeiro, da executiva nacional do Movimento de luta pela moradia, é necessário uma política conjunta que privilegie nas micro-regiões as pequenas propriedades agrícolas e as pequenas e médias indústrias. "Com a diversificação agrícola e industrial a população terá trabalho na própria região, não precisando migrar para as grandes cidades".



Cheiro de Terra

ANO 15, Nº 84, MAIO-JUNHO 1993



Pastoral da Terra recebeu Prêmio Nobel Alternativo em 1991

Horóscopo Político dos Sem-Terra

Folhear um boletim da Comissão Pastoral da Terra deve ser uma coisa chata para quem não é agricultor e, principalmente, um colono sem terra. Mas se um leigo no assunto pegar o boletim Cheiro de Terra do bimestre maio/junho e tiver a coragem de chegar até a última página vai encontrar uma seção criativa e recheada de críticas: o horóscopo rural. Não é aquele tradicional, cheio de besteirol e que foi taxado de pecado mortal pela Igreja Católica. No horóscopo da Pastoral da Terra sobram críticas à política agrícola do governo estadual, ao governador Kleinübing e até para a imprensa.

Aos que nasceram em câncer a recomendação do horóscopo é que evitem votar novamente no Kleinübing. "Os nativos de câncer possuem excelente memória. E ainda: estão passando por um período em que é preciso levar em conta muitas coisas que aprenderam no passado. Aproveitem o período para relembrem quem é o governador Kleinübing e o que ele fez pelos trabalhadores. Não lembraram de nada? Então, neste não se vota mais! Sempre que ele disser 'SIM', diga 'NÃO!'".

A crítica aos meios de comunicação foram dirigidas aos nascidos em Capricórnio. "Capricórnio é o signo que pertence ao elemento terra. É também trabalhador e sério. Por tudo isto entende que as ocupações de terra, que a grande imprensa e a televisão chamam de 'Invasão', a única forma de pressionar as autoridades, o governo e o INCRA a fazer com que as terras sejam distribuídas para quem não as tem".

Ivana Back

TVs a Cabo disfarçadas operam ilegalmente

O jornalista Daniel Herz acusa empresas de formação de monopólio. Juntas, Rede Globo e Tv Abril controlam 50% do mercado da DISTV

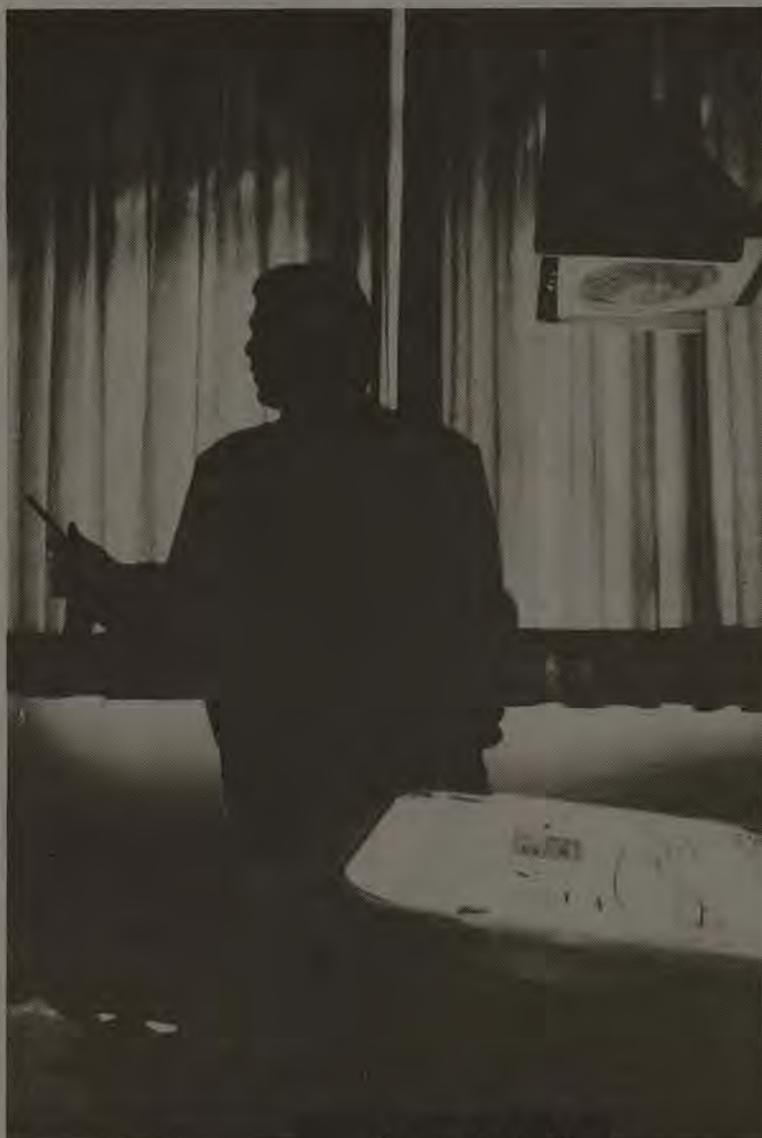
O Brasil pode ser um dos primeiros países do mundo a ter uma rede única e pública de telecomunicações, prestando serviços à comunidade, dando lucros à iniciativa privada e acabando com os monopólios, inclusive o da Globo. Pelo menos é o que afirmou o jornalista e escritor Daniel Herz, na palestra "TV a Cabo-Debate", realizada no Centro de Comunicações e Expressão da UFSC, no último dia 14. Herz é autor do livro *A História Secreta da Rede Globo*.

O jornalista diz que o país teve atraso de vinte anos na regulamentação da TV a Cabo, mas, graças a isso, pode investir desde já na criação de Redes Digitais de Serviços Integrados (RDSI), que combinam o uso da fibra ótica com digitalização de sinais. Enquanto os países industrializados terão que sucatear suas redes de TV a Cabo e telefonia, o que deve aumentar os custos e fazer o projeto demorar vinte anos ou mais, o Brasil pode, em dez anos, fazer a disseminação completa do sistema digitalizado.

O atraso na legislação brasileira se deve às tentativas sucessivas, desde 1974, de aprovar leis que permitissem a monopolização do mercado de TV a Cabo, por grupos políticos e privados articulados em torno da Rede Globo e da TV Abril. A última dessas tentativas foi a portaria 250, de dezembro de 1989, do ex-ministro das Comunicações e atual governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães (PFL), criando o serviço chamado Distribuição de Sinais de TV por Meios Físicos (DISTV). "As DISTVs são TVs a Cabo disfarçadas, operando sem fundamento legal e distribuídas sem licitação. Uma picaretagem", diz Herz. O governo Collor distribuiu 97 autorizações para o funcionamento de DISTVs, das quais a Globo controla 43 e a TV Abril, 11.

Estudantes de Comunicação do Rio Grande do Sul denunciaram as manobras de distribuição das DISTVs e desencadearam um processo que envolve setores que vão desde o meio acadêmico às forças armadas, dispostos a barrar o projeto. O Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, do qual Daniel Herz é um dos coordenadores, vai mover uma ação de inconstitucionalidade contra a portaria.

O fórum pretende apresentar ao Congresso Nacional um substituto do projeto 5323/91, do depu-



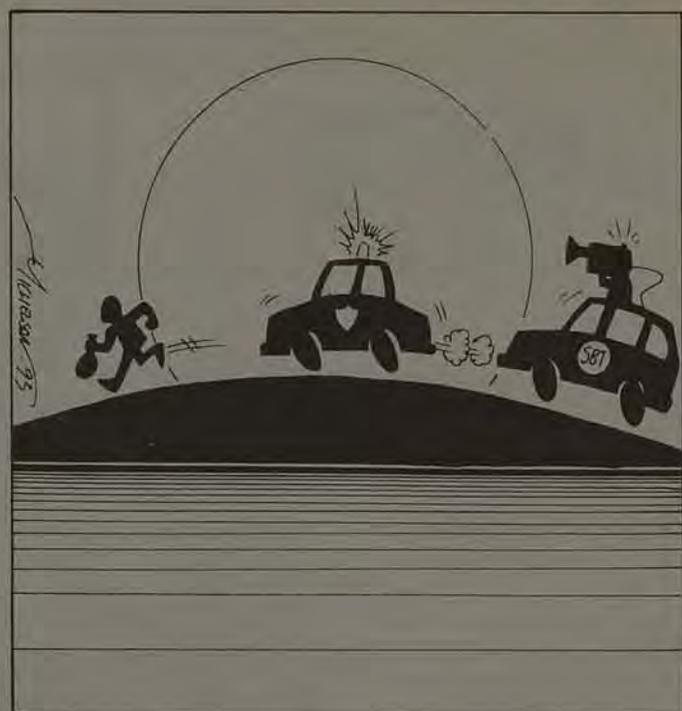
**"O mercado de TV a Cabo vai explodir daqui a dois ou três anos".
Foto Giancarlo Proença**

tado Tilden Santiago (PT-MG). O objetivo é tornar as telecomunicações públicas. "As atuais são estatais, mas não de serviços público", diz. A idéia é criar uma rede única, cujo controle será dividido entre governo, empresários e sociedade civil, acabando com os monopólios privados e estatais. A rede engloba todos os sistemas de telecomunicações, incluindo

televisão, telefonia, fax e acesso a bancos de dados. A iniciativa privada terá liberdade de participação em parceria, sendo que os investidores serão convocados e selecionados por audiência pública.

Herz admite que o projeto vai enfrentar forte oposição de empresários, sobretudo de Roberto Marinho. O jornalista afirma que a luta para aprovar a implantação das RDSI será, antes de tudo, política. Assegura que, apesar de toda a resistência, a proposta se tornou muito vantajosa para os possíveis investidores: "O mercado de TVs a Cabo no Brasil vai explodir daqui a dois ou três anos", e agora o projeto está indo pelo caminho certo.

Alexandre Winck



Canal ZERO

Violência não está só no programa do SBT

Será que as imagens do Aqui Agora são mais violentas, menos éticas e agredem mais os telespectadores do que as imagens dos outros telejornais da TV brasileira?

A "opção preferencial" do Aqui Agora é por crimes e delitos, pequenos e grandes, dramatizados e veiculados de maneira sensacionalista — fórmula nada nova no telejornalismo. Só que o AA eleva o drama e o sensacionalismo a uma potência maior. Um exemplo: o suicídio filmado provocado pela reportagem, que tanta celeuma causou. Mas isto não basta para tachar o programa de violento. Esta confusão entre filmar/provocar um fato é constante no telejornalismo e já foi tema de muita discussão na história do documentário. A presença da câmara altera inevitavelmente o comportamento das pessoas, às vezes de maneira trágica, como talvez tenha ocorrido neste caso. Divulgar essas imagens é problemático, como a própria direção do telejornalismo do SBT reconheceu. Tão problemático quanto exibir aviões, paraquedistas, carros e motocicletas se esborrachando por aí, matando seus ocupantes, como acontece amiúde nos jornais da Globo sem suscitar maiores indignações.

De fato, o que há de mais violento no AA não são os assuntos tratados, nem a maneira sensacionalista de editá-los. A violência está sobretudo na cumplicidade que os locutores e repórteres estabelecem com a polícia, com os pequenos podres poderes. Esta colaboração vai desde a maneira de abordar o assunto, fazendo do policial um herói e tentando resgatar a imagem da polícia junto à população, até o vocabulário utilizado pelos repórteres. Para o AA, como para a polícia, suspeito é bandido, qualificado de "elemento" e tratado sem o menor respeito. Aliás, sem parceria da polícia, boa parte das matérias do programa não seriam viáveis. Muitas vezes os repórteres já saem da delegacia na própria "viatura". Mas se neste telejornal a cumplicidade é principalmente com os pequenos poderes, nos telejornais em geral e particularmente nos da Globo a cumplicidade, mais discreta é verdade, é com os grandes poderes.

O que então agride mais o pobre do telespectador, se o consideramos um cidadão: a exibição de um suicídio, a cumplicidade com a polícia ou a manipulação, omissão e deturpação de informação? Entre estas falsas alternativas, não há escolha possível: temos no mínimo um desonroso empate. Mas na lógica "dos males o menor", o suicídio desponta como uma opção menos aviltante do que as outras.

Consuelo Lins

Jornalista e professora do Curso de Jornalismo da UFSC

Não estando bom para ambas as partes...

Desrespeito, falta de educação e intolerância: a tumultuada relação entre comerciante e consumidor



Quem pensa que, em Florianópolis, má-vontade e morosidade no atendimento são exclusividades do serviço público está enganado. Também no comércio são comuns histórias de desentendimento entre vendedores e consumidores. Mas essa relação, entre duas pessoas que nunca se viram antes e ao mesmo tempo dependem uma da outra, é mesmo complicada.

“A maioria das pessoas que trabalham com público não têm preparação adequada. Pensam que estão fazendo um favor, simplesmente”, reclama a dona-de-casa Hilda Steinbach ao sair das Lojas Americanas, estabelecimento conhecido pelos sistemas anti-roubo avançados e pela cara feia dos seguranças.

“Eles tentam te vender coisas que não comprariam”, constata o funcionário público Amilton Silveira.

Os vendedores contra-atacam. “Também tem muito freguês chato, que experimenta tudo e acaba não levando nada”, diz Márcia Agostini, vendedora de roupas. Sérgio Marcos da Silva, que trabalha numa loja de eletrodomésticos, acha que “o pior é aquele que dá tapinha nas costas e faz piadinha como se fosse teu amigo íntimo”.

Situações em que a fronteira entre público e privado se perdem podem se tornar constrangedoras. O técnico em Contabilidade Gean Gomes cita

o exemplo do restaurante Frango Frito: “O dono dá bronca nos garçons na frente de todo mundo”. Nelson Areias, o proprietário do restaurante, nega que tenha esse tipo de atitude, confirmada

pelos garçons.

Muitos estabelecimentos comerciais não aceitam críticas. Há três anos, um dos filhos da aposentada Vanda de Lima escreveu para um jornal da capital reclamando pela falta de filas no Video Cidade. “Os clientes se amontoam no balcão, e muitos dos que chegam depois acabam sendo atendidos antes”, dizia a carta. Em represália, a locadora cancelou a sociedade. “Hoje fico satisfeita por ter me livrado de uma prestação altíssima”, consola-se Vanda.

Casos como esse, que além de desrespeitarem os clientes ferem as regras básicas de sobrevivência de um estabelecimento comercial, são mais comuns do que se imagina. Exemplos não faltam. Há duas semanas, dois funcionários de um dos pontos de xerox da UFSC tentavam resolver, na frente

do cliente, quem deveria atendê-lo: cada um achava que era a vez do outro. Os ônibus urbanos, então, são recordistas em pequenas controvérsias. Neles, a intolerância vem de ambos os lados da catraca: sendo passageiro, experimente dar uma nota alta ao cobrador. Sendo cobrador, experimente não ter troco...

O verão vem chegando e nessa época do ano os desentendimentos tendem a aumentar ainda mais. Segundo a Santur, cem mil turistas de outros países - 90% deles argentinos - estiveram em Florianópolis na última temporada, o que a transforma na segunda cidade brasileira mais visitada por estrangeiros, perdendo apenas para o Rio de Janeiro.

A reconhecida antipatia que muitos habitantes de Florianópolis sentem pelos “forasteiros” pode ser uma compensação com fundo psicológico. A historiadora Maria Bernadete Flores, que recentemente concluiu um trabalho sobre a farra do boi, faz um paralelo com a crise de identidade da cultura nativa. “Os ilhéus acham que estão perdendo o seu espaço e sentem uma certa nostalgia do tempo em que não havia cercas dividindo os terrenos”, afirma Maria Bernadete.

Há também na rejeição ao turista internacional um fundo monetário. No verão, o comércio de Florianópolis eleva tanto os preços que coloca o custo de vida da cidade entre os maiores do Brasil. Aos consumidores que não trazem dólares na carteira, resta o consolo de se divertir observando que o “espanhol” falado pela maioria dos vendedores não passa de uma imitação do sotaque - o máximo que se faz é trocar a terminação “ção” por “ción”.

O despreparo dos vendedores deve-se, em grande parte, ao fato de que eles não podem saber o que não lhes é ensinado. A única entidade que forma vendedores em Florianópolis é o Senac, ainda

assim em cursos tão raros que neste ano não houve nenhum. Ultimamente só têm havido cursos de aperfeiçoamento, para profissionais que já estão na área.

Nestes cursos, que duram apenas uma semana, os alunos aprendem que o segredo para evitar desentendimentos com o cliente é o diálogo. “Sem perder a formalidade mas também sem ser subserviente, o vendedor deve procurar saber quais são os motivos da insatisfação do cliente”, ensina o instrutor José Renato da Silva, para quem o maior defeito de um vendedor é ter “pavio curto”.

Ao que parece, o que causa mesmo a indignação do consumidor é o prejuízo financeiro. Entre as 5347 consultas que o Procon da capital recebeu em agosto, são raros os protestos contra mau atendimento. A questão mais polêmica foi, disparado, a dos aluguéis. Depois vieram os produtos impróprios para consumo: prazo de validade vencidos, saltos de sapato cheios de cupins, máquinas de lavar que “passeiam” pela lavanderia e sofás feitos “sob encomenda” que não cabem na sala.

Para que o Procon transforme uma reclamação em processo, é preciso uma prova escrita (geralmente a Nota Fiscal) ou o depoimento de testemunhas. Ao consumidor que não gosta de burocracia, resta uma forma mais simples de reagir ao mau atendimento. “Eu era freguês, mas nunca mais volto lá”, protesta Newton Souza, gerente de uma empresa de telecomunicações. Na hora de fazer o seu pedido na Churrascaria Meneghini, ele foi surpreendido pelo garçon: “já vou avisando que à meia-noite eu vou embora. É não fico nem um minuto a mais!” Era onze e meia. Newton acha que, se os clientes têm que ir embora à meia-noite, o estabelecimento deveria fechar as suas portas bem antes.

O mau atendimento, entretanto, não se deve apenas à má-vontade, mas também ao despreparo. E para provar que a primeira frase desta matéria não foi uma acusação gratuita, aí vai uma historinha do serviço público.

O professor Sérgio Weigert entra na Biblioteca Universitária à procura de um livro. Vai até o balcão de empréstimos.

- Será que o *Fausto*, de Goethe, tá na biblioteca?, pergunta a uma funcionária. Ela hesita por alguns segundos e finalmente responde:

- Não sei... Ele trabalha aqui?



Trabalhos repetitivos podem levar à invalidez

Negligência das empresas, omissão dos empregados e descaso do INSS contribui para aumentar o número de casos de L.E.R. em Santa Catarina

JUNHO 94 - ZERO

A primeira vez que procurou um médico, em 1990, Ari Carlos Faria, 40 anos, sentia apenas um dor na mão direita. Diagnóstico: Tenossinovite, uma inflamação dos tecidos que revestem os tendões da mão, resultante do trabalho manual e repetido que Ari fazia no BANERJ. Durante quase oito anos, trabalhou contando, carimbando e somando cheques e já chegou a ficar mais de cinco horas seguidas fazendo esse trabalho. Hoje, Ari sofre de seis tipos de lesões decorrentes de esforços repetitivos, embora tenha recorrido a tratamentos como acupuntura, choques elétricos, laser e infravermelho. Tudo isso porque, ao final de cada terapia, voltava a

trabalhar na mesma função. O médico Heraldo Macuco, que vem acompanhando o caso desde o início, demorou um ano para diagnosticar e localizar todos os problemas de Ari. Mesmo assim, quando passa pela perícia médica do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), é liberado para o trabalho. O órgão é responsável pelo pagamento dos benefícios aos que possuem lesões ocupacionais. Porém não reconhece o caso de Ari como Lesões por Esforços Repetitivos (L.E.R.).

Na grande Florianópolis existem 58 casos diagnosticados de L.E.R. semelhantes ao de Ari. Este número significa 40% da demanda de acidentes de trabalho e problemas de saúde de pessoas que trabalham em bancos. O descumprimento das leis por parte das empresas, a negligência e o medo dos trabalhadores de perderem o emprego caso denunciem as irregularidades são algumas das causas do problema. Aliada a essas, está a discriminação dos colegas de trabalho, uma experiência vivida também por Ari. "Quando eu pedia licença para tratamento, ouvia meus colegas comentarem que eu estava de manha, que era desculpa para tirar umas férias".

No começo, a doença não apresenta sintomas aparentes e somente com o tempo aparecem os calos no dorso das mãos. Mas este é apenas um dos mais de 15 sinto-

mas de Ari. Mão inchada, sempre suando, sem reflexos, sem coordenação motora e sem força muscular, fortes dores de cabeça, insônia e crises de depressão. Movimentos involuntários e bruscos já lhe renderam um corte no rosto e o trabalho repetitivo o afetou psicologicamente. "Tem dias que se uma pessoa me olhar com cara feia sou capaz de avançar. Me tornei uma pessoa insuportável", conta.

A Norma Regulamentadora 17 (NR 17), que está inserida no Artigo 157 da Consolidação das Leis do Trabalho, trata da prevenção das lesões por esforços repetitivos. Seu tema principal é a Ergonomia, que são adaptações das condições de trabalho às características psicofísicas dos trabalhadores, de modo a assegurar-lhes maior conforto e segurança. Ela define, por exemplo, a obrigatoriedade de aparelhos ergonômicos (cadeiras, mesas, telas e teclados de computadores, suportes para documentos que serão lidos para digitação ou datilografia), intervalos de 10 minutos a cada 50 de trabalhos repetitivos, proibição de hora-extra e de gratificações por produtividade. Para os digitadores, em especial, o número de toques por mês não deve ultrapassar os 840 mil. Curiosamente, até abril deste ano, era o mínimo de toques exigidos pela Presto labor, uma empresa que presta serviços de digitação nas chamadas atividades terceirizadas. Depois de uma interdição da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), no mês passado, a Presto labor deixou de exigir este mínimo mas ainda oferece uma gratificação para quem fizer mais de 1 milhão de 100 mil toques por mês. Um incentivo à produção.

Uma empresa que presta serviços de digitação nas chamadas atividades terceirizadas. Depois de uma interdição da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), no mês passado, a Presto labor deixou de exigir este mínimo mas ainda oferece uma gratificação para quem fizer mais de 1 milhão de 100 mil toques por mês. Um incentivo à produção. Uma empresa que presta serviços de digitação nas chamadas atividades terceirizadas. Depois de uma interdição da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), no mês passado, a Presto labor deixou de exigir este mínimo mas ainda oferece uma gratificação para quem fizer mais de 1 milhão de 100 mil toques por mês. Um incentivo à produção.

da secretaria de saúde e segurança do trabalho do Sindicato dos Bancários, diz que as empresas preferem pagar a multa aplicada pela DRT a investir no ambiente de trabalho que possibilite a atividade repetitiva segura. As infrações mais comuns são móveis e equipamentos não ergonômicos, excesso de ruído, gratificação por produção e hora extra. Para esta última, foi encontrada uma forma especial de burlar a legislação: os digitadores trabalham durante o tempo normal permitido pela lei (5 horas) mas em seguida são escalados para outras atividades em que fazem hora-extra. Tudo bem, se esta atividade não exigisse movimentos repetitivos, o que não acontece. É frequente digitadores passarem do teclado do computador ao teclado da calculadora para somar cheques.

Segundo o Sindicato dos Bancários, no mês passado a DRT multou cinco bancos: BESC, Itaú, Bradesco, Caixa Econômica Federal e Banespa. Por problemas burocráticos e falta de informatização, a

DRT não confirmou a informação. De acordo com o Sindicato dos Trabalhadores em Assessoramento, Perícia, pesquisa e Informações de Santa Catarina (SINDASPI-SC), na grande Florianópolis existem cerca de mil pessoas trabalhando em uma dezena de empresas que prestam serviços, geralmente em bancos. De 30% a 40% destas pessoas que estão digitando são portadoras de algum tipo de lesão por esforços repetitivos, sendo a mais comum a Tenossinovite. O número de casos e de empresas multadas só não é maior pelo omissão dos próprios trabalhadores. Os lesionados têm medo de se exporem e, consequentemente, deixam de exigir seus direitos estabelecidos por lei. A advogada Susan Sara Villi, especialista em Direito Trabalhista encoraja: se a legislação relativa à L.E.R. não for cumprida, os lesionados, apoiados no Sindicato de sua categoria, devem entrar com um medida judicial para receberem indenização da empresa. Para esta reportagem, foram entrevistados sete funcionários, entre bancários e digitadores. Todos sofrem de algum tipo de lesão ocupacional mas nenhum, exceto Ari Faria, autorizou a divulgação nem de seus nomes, nem das empresas em que trabalham.

Um funcionário da Presto labor que não quis se identificar conta que ganha 143 URVs por mês e não recebe nenhum adicional de insalubridade a que tem direito pela portaria MTP 3067, de 12/04/1988, do Ministério do Trabalho. Em outra ocasião, o funcionário adquiriu Tenossinovite trabalhando como digitador numa empresa similar. Quando apresentou à empresa o laudo médico, em março de 1993, foi demitido.

Negligência e medo, uma combinação perigosa - As empresas que prestam serviços terceirizados como digitação, fornecem aos bancos os funcionários e são responsáveis pelos encargos sociais. Por outro lado, o banco, dono do equipamento em que os digitadores trabalham fica livre da responsabilidade dos encargos, e com isso não se preocupa em melhorar o equipamento e as condições do ambiente (ruído, temperatura, umidade). A DRT é o órgão responsável pela fiscalização destas irregularidades, mas a única intervenção que faz a aplicação de multas. Márcia Garcez, diretora

O longo caminho da aposentadoria - Os procedimentos para reconhecimento e tratamento das L.E.R. são os seguintes: o empregado consulta um médico e se for



Foto: Alessandro da Silva/ZERO

As lesões, principalmente a Tenossinovite, são mais comuns nas pessoas que trabalham com digitadores, caixas de banco ou em empresas de processamento de dados

Laudos médicos confirmam a impossibilidade de Ari Faria continuar trabalhando, mas a Previdência não aceita o caso como L.E.R.

Florianópolis 19 de agosto de 1993.

DECLARAÇÃO.

Declaro para os devidos fins que o Sr. ARI CARLOS FARIAS é portador de lesões por esforços repetitivos caracterizada, quanto aos aspectos neurológicos, pela presença de SÍNDROME DO PRONADOR, SÍNDROME DO TÚNEL DO CARPO, SÍNDROME DO DESFILADEIRO TORÁXICO E DISFUNÇÃO SIMPÁTICO REFLEXA SECUNDÁRIA AO COMPONENTE NEUROGÊNICO RELATADO PARA MEMBRO SUPERIOR À DIREITA. Consideramos o estágio evolutivo das lesões por esforços repetitivos em grau III, contrariando o retorno à atividade laborativa e prognóstico reservado.

Heraldo Macuco Capella
DR-Heraldo Macuco Capella
Neurologia-ORM-3565.



Foto: Alessandro da Silva/ZERO

A doença já atingiu o grau III em Ari

O QUE É L.E.R.

São inflamações de vários tipos de tecidos, músculos e nervos dos membros superiores (mãos, dedos, punhos, ante-braços, ombros e pescoço). Aparecem em trabalhadores que exercem qualquer atividade que exija movimentos repetitivos por um longo período de tempo.

FUNÇÕES DE RISCO

digitadores
datilógrafos
caixas de bancos e comércio
telefonistas
costureiras
empacotadores
cabeleireiras
músicos
atividades em frigoríficos
qualquer atividade manual em linha de montagem

TIPO DE EMPRESAS

Processamento de dados
Empresas de comunicação
Indústrias metalúrgicas
Indústrias de material elétrico
Indústrias Editoriais e Gráficas
Construção Civil
Entidades Financeiras
Comércio Varejistas
Indústria de Mineração
Indústria Química de Plásticos
Hospitais

SINTOMAS

Dor, cansaço, fígadas,
dormência ou formigamentos nos
membros afetados
Insônia e depressão
Sudorese na mão
Perda de coordenação motora
Calor localizado
Inchações
Perda da força muscular
Perda de reflexo
Atrofia do membro afetado

PREVENÇÃO

a) Limitar o tempo de exposição
(pausas de 10 minutos a cada 50
trabalhados);
b) Alterações no processo e
organização do trabalho (ambiente
de trabalho com temperatura,
ruído e iluminação adequados);
c) adequação de máquinas,
mobiiliários, dispositivos,
equipamentos e trabalho às
características dos usuários;

Estágios evolutivos da L.E.R.

Grau I - Sensação de peso e desconforto no membro afetado. Dor espontânea localizada nos membros superiores ou cintura escapular, às vezes com pontadas que aparecem em ocasionalmente durante a jornada de trabalho. A dor pode se manifestar durante o exame clínico, quando comprimidos os músculos envolvidos. Tem bom prognóstico.

Grau II - A dor é persistente e intensa e aparece durante a jornada de trabalho de modo intermitente. É tolerável e permite o desempenho da atividade profissional, mas já com reconhecida redução da produtividade de nos períodos de exacerbação.

A dor torna-se mais localizada e pode estar acompanhada de formigamento e calor, além de leves distúrbios de sensibilidade. A recuperação é mais demorada mesmo com o repouso e a dor pode aparecer também fora do trabalho, durante as atividades domésticas. Prognóstico favorável.

Grau III - A dor torna-se mais persistente. O repouso em geral só atenua a intensidade da dor, nem

sempre fazendo-a desaparecer por completo. Os trabalhos domésticos são limitados ao mínimo e muitas vezes não podem ser executados. Alterações da sensibilidade estão quase sempre presentes, acompanhadas de palidez e sudorese na mão. A movimentação dos músculos afetados provoca dor forte. Nessa etapa o retorno à atividade produtiva é problemático. Prognóstico reservado.

Grau IV - A dor é forte, contínua, às vezes insuportável, levando o paciente a intenso sofrimento. Os movimentos acentuam a dor, que geralmente se estende a todo o membro afetado. A perda de força e a perda de controle dos movimentos são constantes. As atrofias, principalmente dos dedos são comuns. A capacidade de trabalho é anulada e a invalidez se caracteriza pela impossibilidade de um trabalho produtivo regular. Os atos da vida diária são também altamente prejudicados. Nesse estágio são comuns as alterações psicológicas com quadros de depressão, ansiedade e angústia. Prognóstico sombrio.



Dona Alaide passou dez horas num barco pedindo para que todos rezassem

Assistindo ao dilúvio passar

Enchente levou galinhas, porcos, bois, árvores e casas inteiras

“Vó, segura firme que o seu Valdir está vindo salvar vocês!”

A notícia, gaitada da outra margem do rio Itajaí do Sul, serviu para deixar dona Alaíde mais calma. Ela só duvidava que a corda presa à árvore da margem pudesse agüentar o bote por muito tempo. Se a corda arrebentasse ou o galho cedesse, a correnteza engoliria onze pessoas. Ela tentava conter o choro das crianças. Todas rezavam. Do outro lado do rio, em terra firme, os netos choravam antecipadamente sua morte. Desde as dez horas da manhã ela estava ilhada naquele barco. A chuva os surpreendeu enquanto matavam um boi, no açougue de um vizinho. Quando a água começou a entrar no matadouro, eles fugiram para a cabine de um caminhão, mas o rio fez o veículo tombar. O açougue foi carregado pela correnteza. O barco foi o lugar que restou à dona Alaíde e seus vizinhos.

“Vó, o seu Valdir caiu na água e o rio levou ele!”

O seu Valdir Mariotti era, aos 48 anos, um dos homens mais ricos de Alfredo Wagner. Comerciante respeitado, cumpria o segundo mandato de vereador, pelo PMDB. Quando

percebeu a enchente, pegou seu barco motorizado e foi ajudar as famílias ilhadas. Três meses depois da maior enchente da história de Alfredo Wagner, o corpo ainda não havia sido encontrado.

Já passava das 16 horas quando dona Alaíde soube que seu Valdir não viria mais salvá-los. O barco resistia, e os onze ocupantes suportavam a chuva. Diante de seus olhos o desfile apavorante da morte: galinhas, porcos, árvores e casas

inteiras carregadas pela correnteza, até desaparecerem numa curva barrenta do Itajaí do Sul. Dona Alaíde vigiava sua casa, na outra margem do rio. Torcia para que não descesse.

Dona Alaíde morava no bairro Barracão há vinte anos, junto com o marido Pedro José Damiano, lavrador aposentado. Para aumentar a renda da casa, ela lava roupa para os vizinhos e trabalha no



Dona Alaíde e o marido Pedro José tentam vender a casa na beira do rio para morar em um lugar mais seguro.



O pacato Rio Itajaí do Sul comeu 10 metros das margens

açougue. Nesse tempo todo, ela nunca assistiu a uma enchente tão destruidora. Àquela altura, no bote, estava pronta para morrer. “Quando Deus quisesse chamar”, conta. Dona Alaíde só lamentava partir sem antes rever as dez filhas e os netos na margem oposta.

“Vó, os bombeiros estão vindo salvar vocês!”

O auxílio chegou até o barco. Um caminhão do Corpo de Bombeiros de Florianópolis os salvou quando a tarde estava acabando. Dona Alaíde, a mais velha na embarcação, foi a primeira a se salvar.

A enchente fez dona Alaíde desistir de morar no Barracão. Até fincou a placa “vende-se” ao lado da casa. “Estou com medo até hoje”, conta. Quando chove, ela não dorme. “Penso na filha que mora na beira do rio, lá no bairro Estreito”.

BR-282, o caminho do "Planalto"



Kleinübing inaugura mais um trecho da estrada pensando nas eleições presidenciais do próximo ano

■ A propaganda em torno da BR-282 está servindo para respaldar a indicação do governador catarinense à presidência da República pelo PFL gaúcho. Numa pesquisa publicada no dia 12 de setembro na Folha de S. Paulo, 35% dos catarinenses consideraram seu desempenho ótimo/bom e 44%, regular. O item em que ele alcançou maior aceitação junto ao público foi "asfalto". O governador não comentou nada sobre uma possível candidatura, mas é, ao lado de Antônio Carlos Magalhães, um dos nomes fortes do partido, que quer lançar candidato próprio à presidência em 94.

■ A BR-282 corta todo estado de Santa Catarina, de São Miguel do Oeste a Palhoça. Para que o trajeto entre Lages e Florianópolis fique totalmente asfaltado, ainda faltam 3km de serra na localidade de Lomba Alta, 10km do contorno de Santo Amaro da Imperatriz e 8km do acesso de Santo Amaro à BR-101. Além disso, para quem vai de Lages em direção ao oeste do estado, restam 94km sem pavimentação até Campos Novos (mapa abaixo).

Projetada para ser a "Rodovia da Integração", a BR-282 tem servido até hoje muito mais como palanque eleitoral do que como meio de encurtar a viagem entre o Planalto Serrano e a Capital. Apesar da recente inauguração do trecho Índios-Rio Canoas, a ligação Lages-Florianópolis ainda não foi completada, como anunciou a propaganda do governo estadual. Mesmo assim, no distrito de Boina do Sul, em Lages, foi descerada uma placa inaugural na beira da estrada, que somou-se às outras duas já existentes desde o final do governo Esperidião Amin: uma, em Bom Retiro e outra, no Alto da Boa Vista, entre Rancho Queimado e Alfredo Wagner. Na verdade, dos 613,6km da rodovia, 115 não estão pavimentados.

No último dia 9, o governador Wilson Kleinübing inaugurou os 41,6km do trecho Índios-Rio Canoas, que deveriam ter ficado prontos no ano passado. Ele aproveitou para comemorar a "ligação" entre o Planalto e a Capital na presença do ministro dos Transportes, Alberto Goldman, secretários de Estado, deputados estaduais e prefeitos dos municípios serranos.

A comitiva seguiu logo pela manhã para a região de Lages. Durante o trajeto, o governador do estado, que estava de aniversário, realizou atos públicos de inauguração da estrada em Águas Mornas, Rancho Queimado, Alfredo Wagner e Bom Retiro. Os fazendeiros do Planalto haviam doado dezesseis reses para um churrasco, que acabou não acontecendo porque o governador Kleinübing resolveu enviar a carne para creches da região. Para arrematar o gesto, as autoridades almoçaram no canteiro de obras, junto com os operários da empreiteira.

A idéia inicial de uma estrada que ligasse o Planalto Serrano ao litoral surgiu há cerca de duzentos anos. Em 1767, o fundador de Lages, Antônio Correia Pinto, reivindicou a abertura de um caminho entre os campos de Lages e a Vila de Nossa Senhora do Desterro. Correia Pinto alertava sobre o perigo dos ataques dos "castelhanos" e a necessidade de uma via por onde mandar reforços militares. Os historiadores acrescentam que a estrada serviria também como rota de comércio entre o Planalto e o lito-

ral. Somente onze anos mais tarde um grupo formado por doze homens armados e doze escravos partiu da Ilha de Santa Catarina em direção a Lages, onde chegaram oito meses depois. Estava aberto o caminho inicial. Porém, a trilha foi logo abandonada e o mato voltou a crescer. Durante todo o século XIX, ela só foi usada por alguns tropeiros. Apenas animais de carga conseguiam transpor as Serras do Mar e Geral, então cobertas de Mata Atlântica, além dos diversos rios que descem para o oceano. Nas primeiras décadas deste século, os governadores Hercílio Luz e Vidal Ramos fizeram alguns reparos na estrada para permitir a passagem de automóveis.

O projeto da rodovia foi encomendado pelo governador Jorge Lacerda em 1957. Mas só vinte anos depois, a implantação definitiva da BR-282 foi iniciada pelo DER/SC. O primeiro trecho a ser construído tinha 54km e ligava Rio Canoas a Alfredo Wagner.

Os motoristas convivem com deslizamentos e defeitos no asfalto.
Foto Victor Carlson

A obra começou do interior do estado para que o projeto se tornasse irreversível. A consequência disto foi a alternância de trechos pavimentados com segmentos apenas cascalhados e até mesmo atoleiros, durante 36 anos.

Cerca de trinta anos atrás, os moradores do Planalto Serrano tinham que madrugar e só chegavam à Capital à noite. Isto, se o tempo estivesse bom. Com chuva, a viagem durava até uma semana, dependendo dos locais que davam passagem. Com a construção da BR-282, a distância entre Florianópolis e Lages ficou 147km menor e o percurso pode ser feito em três ou quatro horas.

O custo total do trecho Índios-Rio Canoas foi de cerca de 17 milhões de dólares. A obra foi financiada pelos governos federal e estadual e executada através de um convênio entre o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) e o DER/SC. Durante o governo Collor, os prefeitos e deputados da região iniciaram uma ofensiva política para acelerar a pavimentação dos trechos restantes. Na época, o deputado Paulo Duarte (PPR-SC), por exemplo, mandou espalhar out-doors ao longo dos espaços inacabados, exigindo uma atitude do governo.

As obras dos 3km em Lomba Alta, do contorno de Santo Amaro da Imperatriz e do acesso à BR-101 estão em andamento e, segundo o DER/SC, deverão estar concluídas até o final do ano. O contorno tem 10km de extensão e foi orçado em 4 milhões de dólares. Atualmente, todo tráfego da BR-282 passa pelo centro de Santo Amaro, cujas ruas estreitas, características do período colonial, representam perigo de acidentes e atropelamentos. No trecho de Lomba Alta, os problemas de deslizamentos de terra e afundamento do terreno exigem reparos há dezenove anos. Com

a enchente de julho deste ano, a estrada ficou novamente danificada. Por ser uma região de morros, onde não há pedras no solo, mas uma camada de terra vermelha propícia à infiltração de água das chuvas, foi necessário o trabalho de contenção de encostas.

O trecho de 94km entre Lages e Campos Novos será o último a ser pavimentado, e isso preocupa os prefeitos das redondezas. O município de São José do Cerrito fica próximo à rodovia e não tem nenhum acesso asfaltado. Para o prefeito José Maria Branco, do PL, a deficiência das estradas é uma das causas da diminuição da população da cidade. De 1970 para cá, o número de habitantes de São José do Cerrito caiu de 17.600 para doze mil. Além disso, de acordo com o prefeito, os fretes cobrados para transportar a

responsável pela construção da estrada".

Para o professor de Mecânica dos Solos do curso de Engenharia Civil, da UFSC, Glicério Triches, a BR-282 serviu de laboratório para muitos profissionais. "O tipo de solo encontrado ao longo do traçado é raro no Brasil e criou problemas com que não se havia deparado antes". Triches acrescenta que o projeto de uma BR deve seguir as Instruções de Serviço para Construção de Rodovias do DNER, que trazem especificações técnicas de como a estrada deve ser feita. "A BR-282 é uma rodovia de classe I. Isto significa que a velocidade média deve ser mantida em torno de 80km/h e as curvas não podem ser muito fechadas". Ele diz também que, por isso, 2,5m de acostamento de cada lado é obriga-



produção agrícola do município são de 10 a 12% mais caros do que numa estrada asfaltada.

Antes mesmo da BR-282 ficar pronta, o asfalto já apresenta problemas em vários locais. É o caso do trecho sinuoso entre Rancho Queimado e Alfredo Wagner. O engenheiro Mauro Brandeburgo, do DER/SC, explica que na época da pavimentação, no governo Esperidião Amin, foi usado material barato, que dura cinco anos em média. "Havia muita urgência em terminar as obras do trecho e pouca verba disponível". O resultado foi uma sequência de buracos, que foram cobertos às pressas para a visita do ministro Alberto Goldman. Além disso, a estrada não tem acostamento em vários pontos. De acordo com Brandeburgo, o acostamento não é exigido ao longo de toda a rodovia. "Vale o bom senso do engenheiro

tório. "Há uma exceção para locais de encostas, porque muita terra seria deslocada". Porém, nesse caso, ele assegura que a falta de acostamento deve ser indicada através da sinalização, o que não acontece no trecho Rancho Queimado-Alfredo Wagner.

Quando o governo submete o projeto de uma rodovia aos financiadores, nele devem constar, entre outras especificações, o material que será utilizado, as dimensões e características do traçado, a espessura do asfalto e a sinalização. Já o contrato com as empreiteiras, segundo o procurador jurídico do DER/SC, Adolar Ferreira, é um documento puramente burocrático, "como qualquer outro". Os projetos e contratos da construção da BR-282, que deveriam estar disponíveis no DER/SC, não foram encontradas pelos funcionários.

Alexandra Baldisserotto



Traço contínuo:
trechos pavimentados
Traço pontilhado:
trechos em construção
Traço tracejado:
trechos sem pavimentação

O céu não pode esperar

Amantes das estrelas fazem da astronomia um hobby e buscam os segredos do universo

Todas as sextas-feiras, às 8 da noite, um grupo de apaixonados pelo universo se reúne em Florianópolis para discutir assuntos relacionados à Astronomia. São engenheiros, médicos, professores e alunos de vários cursos que têm como hobby observar constelações, planetas e galáxias.

Foi o gosto comum e o interesse científico que os levou a criar o Grupo de Estudos de Astronomia (GEA), que promove, além das reuniões de sexta à noite, dois cursos de extensão que vêm lotando o Planetário. O último aconteceu do dia 13 ao dia 24 de setembro.

O GEA é uma entidade sem fins lucrativos, estabelecida junto ao Planetário da UFSC (o maior do estado) desde 2 de dezembro de 1985 e que tem por objetivo justamente estudar e difundir a Astronomia na comunidade catarinense.

Para frequentar as reuniões semanais não é necessário se tornar sócio do GEA, mas o associado tem algumas vantagens. Pela taxa mensal de CR\$ 180,00 (estudante) e CR\$ 360,00 (não estudante) o sócio tem a seu dispor uma videoteca com 50 fitas de palestras e documentários científicos, uma biblioteca com 250 títulos, revistas e softwares que podem ser copiados. Além disso, o Planetário conta com um telescópio de 60 mm, um binóculo de 12x60 e um projetor que simula o céu real e reproduz os movimentos dos corpos celestes. Mas como nem tudo são flores, a mensalidade cobrada dos 53 sócios serve apenas para a aquisição de equipamentos como fitas, livros, slides, etc. A verba repassada pela Universidade ao Planetário cobre apenas as despesas de expediente. "Nossas instalações são muito antigas. Há infiltração de água, a rede elétrica é precária e nosso projetor planetário está desgastado", reclama José Geraldo Mattos, secretário do GEA.

Mesmo com todos estes problemas, o grupo continua trabalhando. E os cursos de extensão são uma destas atividades. O primeiro curso realizado no início deste ano teve por objetivo o treinamento em Astronomia observacional e limitava-se ao nosso Sistema Solar. No segundo curso, o deste semestre, — "Além do Sistema Solar" — foi feita uma "viagem" para além de nosso sistema, estudando-se estrelas, meio interestelar, galáxias e cosmologia. "Nosso objetivo com esses cursos é divulgar o conhecimento científico. Já que não podemos fazer isso nacionalmente, fazemos a nível local", explica Adolfo Stotz Neto, presidente do GEA e engenheiro mecânico da Celesc.

Segundo Stotz, a Astronomia é uma das ciências mais antigas, senão a mais antiga. Existe há milênios e surgiu com a necessidade humana de conhecer os ciclos da natureza, o que era de vital importância (os egípcios, por exemplo, ficavam de olho na estrela Sirius para prever as cheias do Nilo). Tãmanha era a importância dos corpos celestes, que os homens os associavam com deuses, dando às constelações nomes mitológicos como Centauro, Hér-

cules, Sagitário, Capricórnio, Hidra e outros.

Foi com os gregos que houve algum avanço no sentido de desmistificar o céu. Foram eles os primeiros a catalogarem estrelas e a desenharem mapas celestes, só que essa racionalização do Universo gerou duas idéias antagônicas: o Geocentrismo e o Heliocentrismo. Aristarco, no século II a. C., colocou a Terra no seu devido lugar, ou seja, rodopiando em torno do Sol. Nicolau Copérnico, em 1543, volta a defender o Heliocentrismo e Galileu oferece evidências desta idéia com a utilização de instrumentos ópticos, em 1610.

Desde então, o homem vem acumulando conhecimentos sobre o Cosmos. A luz visível — até então única fonte de informação — cede espaço a outros comprimentos de onda do espectro eletromagnético com os Raios-X e os infravermelhos. Sondas espaciais foram lançadas: telescópios superpotentes postos em órbita da Terra; sonha-se até com a detecção das ondas gravitacionais, dos neutrinos e dos tachions (se existirem).

Mesmo não tendo sido um

de gás ionizado e plasma", define o engenheiro e palestrante Adolfo Stotz. Elas emitem vários tipos de comprimento de onda, desde o Gama até o Raio-X, só que apenas (e para a nossa sorte) a luz visível, os raios infravermelhos e as ondas de rádio é que atingem a superfície de nosso planeta. Os demais são barrados pelas camadas superiores da atmosfera.

Quando uma nuvem de gás se contrai devido à própria gravidade, começam a ocorrer as reações termonucleares que fazem nascer as estrelas. Existem desde Supergigantes Vermelhas, até Anãs Brancas. Essa espantosa diversidade tem uma explicação simples: trata-se apenas de uma questão de massa e idade. As estrelas mais massivas produzem mais energia, sendo portanto mais brilhantes e quentes que as de massa menor. O Sol, por outro lado, deve esgotar seu combustível em 5 bilhões de anos. Então terá o tamanho de Gigante Vermelha, brilhando 400 vezes mais forte e tendo um tamanho 100 vezes maior (a temperatura na Terra chegaria a 425°C). Depois disso, irá murchar e virar uma Anã Bran-

tacional. A estrela transforma-se então num Buraco Negro. Sua força de atração é tão grande que chega a desviar e, às vezes, até engolir as partículas de fótons que compõem a luz.

O nosso sol, cuja luz leva oito minutos para chegar até a Terra, nunca será um Buraco Negro. Ele é uma estrela de 5ª grandeza, de magnitude — 26,7 (quanto menor a magnitude, mais brilhante é o astro) e 700 mil quilômetros de raio. "Mesmo não sendo uma das maiores estrelas, o Sol tem quase 333 mil vezes a massa da Terra", calcula Adolfo Stotz. A energia liberada por uma estrela provém da transformação de Hidrogênio em Hélio. E só 1 Kg de massa solar seria suficiente para alimentar uma casa por seis meses.

Mas o curso não parou por aí. Das estrelas, passou-se para estruturas mais complexas: as Galáxias. A nossa chama-se Via Láctea e tem esse nome, também, devido à mitologia. Seu diâmetro é de 100 mil anos-luz, ou seja, um fóton de luz levaria 100 mil anos para atravessá-la de ponta a ponta. Os astrônomos estimam que a Via Láctea contenha até 100 bilhões de estrelas distribuídas pelos seus quatro braços (Sagitário, Carina, Orion, Perseu e Centauro), ou aglomeradas em seu centro galáctico. Mas é mais fácil estudar as galáxias vizinhas, como a M-31 (Andrômeda), do que a nossa. "É mais fácil ver um jogo de futebol na arquibancada do que no centro do campo", compara o estudante de computação Marcos Boehme, que também é membro do GEA.

Avançando um pouco na estrutura do Universo, temos o Grupo Local, composto de outras galáxias, como a Andrômeda, a Nebulosa de Triângulo e as Nuvens de Magalhães. Além dos Grupos Locais, temos os Superaglomerados, formados por grupos de galáxias. O Superaglomerado Local, onde se encontra o nosso grupo de galáxias, tem um diâmetro de cerca de 150 milhões de anos-luz. Para o estudante de engenharia de Alimentos, Lauro Bernardino Coelho Jr., a grandiosidade, perfeição e equilíbrio dos sistemas cósmicos indicam a existência de um Criador. "Lembro-me até de uma frase que li alguns anos atrás, que diz: "Achar que o mundo não tem criador é o mesmo que afirmar que um dicionário é o resultado de uma explosão numa tipografia", acrescenta.

Com uma assistência de 40 pessoas, em média, o curso foi considerado pelos organizadores como um dos melhores, devido ao nível das perguntas e participação dos ouvintes. Para a chilena Margarita Arévalo, ex-aluna ouvinte de Medicina e residente há dois anos e meio no Brasil, é estranho que tão poucas pessoas se interessem por um curso como este. "No Chile estes cursos de extensão são mais caros e não são acessíveis ao público leigo", explica. Mas há um aspecto interessante daquele país em relação ao nosso, segundo Margarita: "O acesso ao conhecimento científico é feito pela TV. Programas sobre Astronomia são exibidos à noite, pela manhã e nos fins-de-semana. No Brasil parece haver censura para a cultura e liberação para a pornografia".

Michelson Borges



No planetário o céu da cidade pode ser estudado mesmo em dias nublados. Foto Jaime Luccas

curso de observação, os palestrantes — todos amadores — fizeram referências ao que se pode ver a olho nu, em nosso hemisfério, ao longo de 24 horas: cerca de 2500 estrelas, nebulosas, galáxias, a Via Láctea (a nossa galáxia), dezenas de estrelas cadentes (meteoros), alguns dos planetas do Sistema Solar, a Lua (nosso satélite natural) e o Sol (nossa estrela). Além de um par de olhos, a observação celeste, a rigor, não requer mais do que condições favoráveis de luz e atmosfera. Por outro lado, detalhes dos corpos celestes, inacessíveis à visão humana, são em muitos casos revelados por equipamentos relativamente simples, como o tipo mais popular de binóculo, o 7x50. Com eles pode-se ver, basicamente, acidentes topográficos da Lua, aglomerados de estrelas, nebulosas e os quatro maiores satélites de Júpiter. Já para se distinguirem detalhes de Júpiter, os anéis de Saturno, as fases de Vênus e as estrelas duplas, se requer no mínimo uma luneta.

O curso promovido pelo GEA, entretanto, limitou-se a explicar o que são alguns dos corpos celestes conhecidos, como as estrelas, por exemplo. "As estrelas são astros gasosos de forma esférica, que produzem energia termonuclear. Têm temperatura e pressão altíssimas e compõem-se

ca. Sua massa será igual à que tem hoje, porém comprimida numa esfera do tamanho da Terra.

Se a maioria das estrelas morre pacificamente de velhice, algumas, sobretudo as de maior massa, têm final violento. Quando a estrela chega ao fim de sua fase de Supergigante Vermelha, as reações nucleares próximas ao núcleo ficam tão fortes que tudo explode e a matéria que compõe o astro é projetada em fragmentos no espaço: é a Supernova. Depois da explosão, seu núcleo se contrai até que ela se transforme numa estrela de nêutrons, ou Pulsar. "Ao girar feito um turbilhão, a estrela de nêutrons emite radiações regulares, como os lampejos de um farol", explica o palestrante e engenheiro da Eletrosul, Antônio de Lucena.

Teoricamente, o centro de uma estrela se transformará numa Anã Branca ou num Pulsar, conforme a sua massa. Mas caso essa massa seja excepcionalmente grande (30 a 50 vezes maior que a do nosso Sol) quando a estrela se contrair, nada conseguirá impedir o seu colapso; e quanto maior e mais concentrado o núcleo, maior será também a força gravi-



A cachorrada dos ricos

Donos gastam uma fortuna com o luxo de seus cães

O cachorro sempre foi considerado o melhor amigo do homem, mas para algumas pessoas ele acaba se tornando um peso excessivo no orçamento doméstico. Em Florianópolis há quem chegue a gastar até CR\$ 12 mil cruzeiros reais com o seu cachorro. Grande parte desse dinheiro é deixado em clínicas veterinárias que são verdadeiros paraísos do consumo canino. Nelas pode-se encontrar desde uma pequena injeção até serviço de hotel, salão de beleza e tratamento dentário, além de uma infinidade de bugigangas para distrair os cães-zinhos, como imitações de bombas de chocolate, de borracha, e travessieiros anti-pulgas.

Maria Edite Reibnetiz, mulher de um dirigente de um sindicato patronal, é um exemplo de dedicação ao seu cachorro sem limites financeiros. Ela mantém uma série de cuidados com o Windy, um cão tibetano da raça lhasa apso, de três anos. Todas as semanas ela o leva para tomar banho em uma clínica por CR\$ 900,00. Também lá, ele tem o seu pêlo tosado todos os meses, por dois mil cruzeiros. O cachorro come quatro quilos de carne moída de primeira por semana. Além disso, Windy gosta de ração, cenoura ralada e germen de trigo. No total, Maria Edite gastou com o seu cãozinho, no mês de setembro, aproximadamente doze mil cruzeiros reais. Sobre os gastos com o animal, ela fala constrangida: "o banho é meio caro".

Já o Skiper, um poodle de dois anos e meio da estudante Juliana Cajueiro, gasta um pouco menos, mas tem algumas regalias. "Ele não dorme se não for na cama de minha mãe". O pai de Juliana é superintendente na região sul da Transbrasil e paga todas as semanas o banho do cachorro, em uma clínica. Além disso, ele leva o Skiper para uma consulta veterinária todos os meses. O pai de Juliana gasta com esses tratamentos cerca de cinco mil cruzeiros reais. A menina também dedica um pouco do seu dinheiro ao cachorro. Ela compra frequentemente brinquedinhos de borracha para o Skiper, como por exemplo, imitações de cachorro quente. A alimentação do cão é normal. E é aí que o cachorro de Juliana sai mais barato. Enquanto cães se alimentam de rações especiais e carnes de primeira, o cãozinho de Juliana come apenas restos de comida.

A cada dia que passa o tratamento de luxo para cães vem se tornando um negócio rentável. Em Florianópolis as clínicas estão cada vez mais aperfeiçoando os seus serviços. A Lovely Dog, uma das maiores da Capital, possui três clínicas — no Estreito, Beira-mar e na Prainha — e há 18 anos oferece os seus serviços veterinários à comunidade canina. A sede da clínica funciona no térreo de uma casa de dois andares, no Estreito.



As clínicas oferecem banho, secagem, tosa dos pêlos e limpeza dos dentes. Foto Carlito Júnior

Ali as pessoas podem levar os seus cães para um consulta médica ou para retirar o tártaro dos dentes, evitando assim, o mau hálito do cão. E se quiser, também pode comprar "objetos de uso pessoal" do cachorro, na loja de produtos para animais, da clínica.

No outro lado da rua fica o laboratório da Lovely Dog, que tem aparelhos de causar inveja a qualquer posto de saúde da Capital. São equipamentos para exame, leitura de hematócrito, raio-x, além de diversos aparelhos de esterilização. Nos fundos da casa fica o hotel para cães com 32 canis com barras de ferro que podem hospedar cachorros por um, dois, três ou quantos dias forem necessários por CR\$ 900 cruzeiros, a diária. Ali funciona também o salão de beleza da clínica, onde funcionários especializados dão banho e tosam o pêlo dos cães.

O dono da Lovely Dog, Jairo Hélio de Souza, não revelou o faturamento mensal da clínica. "Existem certos tipos de informação que não se deve declarar em um jornal e esta é uma delas". Souza só informou que a Lovely Dog tem cerca de seis mil clientes.

Os sócios da clínica, que funciona nos moldes da assistência médica privada, pagaram no mês de setembro CR\$ 1.076,00 de mensalidade que lhes deu direito à consultas médicas, banhos com tosas e exames. Se o cachorro precisar de uma cirurgia ou o seu dono quiser hospedá-lo no hotel terá um desconto de 60% sobre o valor total.

Também no Estreito funciona a clínica Pet Shop que oferece os mesmos serviços que a Lovely Dog. Mas o dono da Pet Shop, Eduardo Lima, diz que não há concorrência. A esposa, Nádia Lima, que também trabalha na clínica,

ajuda: "nós temos uma clientela mais selecionada". Junto à Pet Shop funciona também uma "loja de conveniências" para bichinhos de estimação. Os produtos mais vendidos na loja são comida e imitações de ossos. Um osso artificial, tamanho médio, no final de setembro custava CR\$ 580,00. Com esse dinheiro uma pessoa poderia comprar dois quilos de carne de segunda.

Além da clínica médica de loja de produtos para animais, a Pet Shop realiza todas as sextas e sábados uma feira de cães e gatos. A exposição reúne cerca de 30 animais com até quatro meses de idade. A dona da clínica diz que ultimamente o movimento anda pequeno. "As vezes vendemos no máximo dois bichos por fim de semana". O problema é o preço dos animais. Um cachorro da raça bichon frisé foi vendido por 500 dólares e um buldogue está esperando que alguém o leve para casa por mil dólares.



Os cães de Rosa

Rosa Jaker, de 56 anos, mora com a mãe e mais 18 cachorros em uma casa no Estreito e prova que uma pessoa pode cuidar de animais sem precisar gastar muitas folhas do talão de cheques. A maioria dos "guaiepas", como ela os chama carinhosamente, foram abandonados no seu quintal. "As pessoas sabem que eu gosto de cachorro, por isso deixam eles na minha casa". Rosa é sócia de uma clínica veterinária, mas só leva os cães até lá para tomar vacinas ou quando eles estão doentes. A alimentação da matilha é fornecida por um restaurante do centro que todos os dias dá os restos da comida para Rosa.

Além de tomar conta dos cachorros, Rosa também cuida do seu escritório de conta-

bilidade e se dedica a um grupo que realiza trabalhos assistenciais na comunidade. Quando está ausente, quem trata os cães é a sua mãe, Maria Jaker. Rosa diz que prefere os cães "vira-latas". "Eles são mais fortes e mais carinhosos. Os cães de raça exigem mais de você do que você deles".

Com tantos cachorros, às vezes Rosa ouve algumas reclamações dos vizinhos. "Alguns reclamam dos latidos". Mas ela diz que nunca houve nenhuma queixa séria. E completa dizendo que se alguém abandonar mais algum cachorro na sua casa ela cuidará do animal. "Eu não posso deixar o bichinho jogado, né?"

Textos Ivana Back

O Daime nosso de cada dia

Daimistas reúnem-se em Florianópolis para a preparação do chá

Durante o próximo mês de novembro os moradores da única comunidade do Santo Daime em Florianópolis vão se fechar aos visitantes para produzir o chá que é a base da seita. Adeptos do Daime de várias regiões virão à cidade para ajudar no feitiço do chá. Durante o período de preparação, toda comunidade estará em festas com várias cerimônias.

Duas vezes por ano, o Daime é produzido em Florianópolis e, em cada época de produção são preparados cerca de mil litros de chá. Mas nem tudo fica na cidade. Parte é distribuída às comunidades que mandaram representantes para ajudar no feitiço e para outras mais distantes que não podem produzir. Há cerca de um mês, 40 litros foram para a Suíça. Apesar da quantidade produzida em Florianópolis ser considerada grande eles ainda precisam trazer o Daime da Amazônia, o maior produtor mundial.

O Daime chegou em Florianópolis há cerca de sete anos com o jornalista gaúcho. Enio Staub, um antigo frequentador da seita. Mas só há dois anos o chá é produzido aqui. Antes os locais onde eles estavam vivendo não possibilitavam o cultivo das plantas que são a base do chá, o Cipó Jacube e a Folha Rainha. Santo Amaro da Imperatriz foi o primeiro local onde os daimistas se instalaram. Mas foi no Santinho que eles permaneceram por mais tempo. Lá a falta de espaço e problemas com a comunidade local, forçaram os daimistas a procurar um local mais isolado e que atendesse suas necessidades.

O Centro da Fluente Luz Universal Valdete Mota Melo, (CEFLUVAM), nome dado pelos daimistas à comunidade de Florianópolis, fica no final da Vargem Grande, um pequeno bairro no interior da ilha a 45 km do centro.

Em um sítio de 40 hectares vivem cerca de vinte homens, mulheres e crianças. Tudo é dividido, cada um é responsável por uma tarefa. Há quem planta, há quem cozinhe, há quem limpe. "A força está na união. Nós vivemos em um comunismo cristão, porque para se viver em grupo é preciso ter um fim religioso", disse Gilberto Faria, um ex-corretor



Crianças e adultos tomam o chá na cerimônia que acontece a cada quinze dias

**Texto e fotos
Yan Boechat**



de imóveis que virou o carpinteiro oficial da comunidade. Segundo ele, depois que conheceu o Daime há três anos, em São Paulo tudo mudou em sua vida: "encontrá-lo foi a melhor coisa que me aconteceu". Gilberto está no comando do CEFLUVAM enquanto Ênio, que é o líder do grupo, está na Amazônia visitando o "quartel general" do Daime, a comunidade do Céu do Maipiá.

A área atual foi comprada pelo grupo há quase dois anos e as condições ainda são precá-

recem não se importar muito. "Sentimos falta do conforto, mas a vida espiritual supera essas necessidades", conta Mara Teixeira, uma socióloga que trocou o apartamento na cidade por uma casa de nove metros quadrados onde vive com o seu marido. Mara está vivendo no CEFLUVAM há três meses e é professora na escola da Vargem Grande, a mesma onde as crianças da comunidade do Santo Daime estudam.

A seita está cheia de histórias como a de Mara, gente que abandonou tudo pelo Daime.

ra a cidade decidido a tomar o chá. Desde então vive na comunidade.

O Daime geralmente é tomado durante as cerimônias que acontecem na igreja da comunidade. Todos tomam o chá, desde a pequena Mariana de um ano e meio, até vó Lêda, uma senhora de 73 anos que não vive na comunidade, mas está presente em quase todas as reuniões.

Quase todas as cerimônias do Daime são abertas. Elas

satisfeitos. Para a estudante Jamile Rosendo a experiência com o Daime não passou de uma noite chata e cansativa. "Não senti nada, só vontade de ir embora", disse.

Para os adeptos da seita, o Daime também tem um grande poder de cura. Muitas vezes ele é substituído por remédios quando alguém fica doente. Segundo Almiro Pezzini, um jornalista que trocou a caneta pela enxada, já houve cura de Aids na comunidade, "uma coisa muito comum no Maipiá", garante, se referindo à maior comunidade do Daime. Almiro acredita que o Daime pode curar qualquer doença, já que, para ele, elas são uma fraqueza de mente.

Deniza Claudine, uma jovem de 20 anos, é outra que acredita nos poderes do chá. Ela está grávida de seis meses e garante que antes de ter seu terceiro filho, vai tomar o chá para aliviar as dores. "No meu primeiro parto, quando ainda não conhecia o Daime, quase morri de dor. Já no segundo, um dia antes de ir para a maternidade, tomei o chá e não senti nada".

Mas nem só de Daime vivem os daimistas. O CEFLUVAM possui uma fábrica de granola e secagem de banana; a Floresta Brasil, que foi criada a cerca de dois anos. Durante as melhores épocas a fábrica chega a produzir 250 quilos de banana seca por semana. Todos que trabalham na Floresta Brasil são adeptos da seita.

Além da fábrica, a comunidade do Santo Daime em Florianópolis também tem uma barraca na feira do centro da cidade. Eles vendem o que produzem e produtos naturais em geral. "Todos os sábados nós estamos lá", diz Luíza Varela, mais uma dos muitos que garantem que o Daime foi a melhor coisa que já aconteceu em sua vida.



O chá é produzido na própria comunidade, que exporta até para a Suíça.

rias. Quando chove é quase impossível chegar ao local, a lama toma conta de tudo. A luz ainda não foi instalada e no inverno o banho tem que ser de canequinha. Apesar de toda falta de conforto e das dificuldades que enfrentam no dia a dia, os moradores da comunidade pa-

O argentino Julian Biggi, um ex-corretor de seguros em Buenos Aires, ouviu falar do Daime, ficou interessado e procurou saber do que se tratava. Até que uma amiga lhe disse que conhecia uma comunidade da seita em Florianópolis. No verão de 92, Julian veio pa-

acontecem nos dias 15 e 30 de cada mês e é preciso pagar cerca de três dólares pelo Daime que se consome. Mas nem todos que tomam o chá ficam tão



Centenário de Andrade

Estudiosos comemoram revelando a vida oculta do autor de Macunaíma

"Detesto os mortos que voltam. São tão mais nossas as imagens!"
M. de A.

Mário de Andrade é um morto que volta. Ou, pelo menos, um morto que permanece. Em vida, chegou a ser chamado "Papa do Modernismo" e representava a figura do intelectual completo. Agora, no centenário de seu nascimento, a extensa e variada obra (58 livros, entre poesia, ficção, ensaios e correspondência) ainda se mantém atual e discutida. A personalidade de Mário, definida por ele próprio como "um vulcão de complicações", também atrai a atenção dos estudiosos do Modernismo. Mas entender todas as facetas de sua obra e vida pode ser uma tarefa interminável, como ele parecia avisar no poema "Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta, ..."

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, no dia 9 de outubro de 1893. Filho de uma família de católicos, estudou com os irmãos Maristas e, até o final dos anos 20, carregou vela em procissão e participou em coral de igrejas. Nunca casou, apesar de uma suposta vida íntima bastante movimentada, e morou até a morte com a mãe. Quando adulto, se afastou da Igreja. No seu livro "Aspectos da Literatura Brasileira", Mário lembra que o Modernismo era sinônimo de perversão para sua família. As tias, depois de lerem e não compreenderem os poemas, tentavam alertar a mãe: "Maria Luisa, seu filho é um perdido mesmo!"

O Movimento Modernista buscava a renovação da arte brasileira, passando por cima de normas estéticas consagradas. A resposta a proposta renovadora foi uma indignação furiosa, que enxergava as vanguardas europeias que aportavam no país como a distorção da arte. Uma das maiores vítimas do contra-ataque acadêmico foi a pintora Anita Malfatti, que montou uma exposição de quadros cubistas em São Paulo, em 1917, após estudar na Europa. O escritor Monteiro Lobato, no artigo "Paranoia ou Mistificação", atacou a exposição com um bombardeio de definições anti-modernistas. Mário de Andrade, que naquele ano publicou seu primeiro livro (o inexpressivo "Há uma gota de sangue em cada poema"), também visitou a exposição várias vezes, sempre assinando com um pseudônimo diferente.

Apesar da polêmica exposição de Anita Malfatti, a Semana de Arte Moderna (entre 11 e 18 de fevereiro de 1922) ficou conhecida como marco inicial do Modernismo no País. Durante a semana de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, os

protagonistas da chamada "Fase Heróica" do movimento realizaram palestras e debates, além de exposições de pintura e escultura. Mário de Andrade aproveitou a semana para lançar seu livro de poesias "Paulicéia Desvairada"

De todas suas obras, "Macunaíma o herói sem nenhum caráter" (escrito assim mesmo, sem vírgula) é o livro mais discutido. Mário de Andrade o escreveu em 1926, durante suas férias em um sítio, e só foi publicar dois anos depois. Macunaíma, "herói de nossa gente", resume em sua personalidade a essência do que é o "ser brasileiro". Mário arma seu personagem com o que entendia como o caráter nacional: luxurioso, ávido, preguiçoso e sonhador. O livro, costurando falas regionais com idioma indígena, é narrado meio em tom de lenda tribal, meio de forma romancada. O herói sem nenhum caráter nasce na selva e vai à São Paulo moderna viver sua aventura, buscando a ascensão e ignorando a gratidão. A história foi transformada em filme em 1969, pelo cineasta Joaquim Pedro de Andrade. Segundo o ator Grande Otelo, que interpretou o personagem nas telas, "vivemos hoje, mais do que nunca, um momento macunaímico"



"Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta..."

Poeta, romancista, musicólogo, crítico de arte, cronista etnógrafo, fotógrafo. Mário de Andrade entrou para a história como o intelectual completo, um pesquisador obsessivo, enquanto Oswald Andrade (outro pai do Modernismo, e que apesar do sobrenome comum, não eram parentes) ficou sendo conhecido como o piadista, o devasso. Telê Porto Ancona Peres, professora da USP e a maior autoridade em Mário de Andrade, reconhece no escritor "um mundo de contradições". Quando morou no Rio de Janeiro, entre julho de 1938 e fevereiro de 1941, Mário era figurinha fácil na Taberna da Glória, onde tomava porres de chope em companhia de Carlos Lacerda, Moacir Werneck de Castro, Murilo Miranda e Lúcio Rangel. Preferia as experiências com drogas durante as viagens etnográficas, onde estudava o folclore e os costumes no interior do país. Em "O Turista aprendiz", Mário conta que no Carnaval de 1929, no Nordeste, passou a noite "sob os efeitos reprovocados de coca e éter, numa luxúria até 6 da manhã". O Papa do Modernismo justi-

ficava sua relação com essas substâncias dizendo-se dotado de "um interesse apaixonado".

A vida íntima de Mário de Andrade é outro mistério. O escritor Antônio Cândido, que conviveu com Mário e Oswald, foi o único a tocar de forma mais direta no assunto: "O Mário de Andrade era um caso muito complicado. Era um bissexual, provavelmente", afirmou em depoimento ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo, em 1990. A briga entre Mário e Oswald de Andrade, que começou no final dos anos 20, também deixou vazal algumas suspeitas. Numa de suas piadas, Oswald teria dito que Mário é "muito parecido pelas costas com Oscar Wilde". (Wilde, homossexual sumido, foi um combatido escritor inglês do século XIX)

Mas Moacir Werneck de Castro não acredita nessas histórias. Em sua roda de amigos, Werneck não se recorda de comentários a respeito da bissexualidade de Mário. "Supúnhamos que fosse casto ou que tivesse amores secretos. Se era ou não, isso não afeta sua obra, nem seu caráter".

Se Mário era mesmo um mundo de contradições, seus mares eram de manias. Nunca saía de casa sem antes passar loção francesa em sua careca. Enquanto escrevia, gostava de encostar a testa em sua máquina — dizia servir para melhorar a transmissão das idéias para o papel. Outra mania era manter sempre uma camada de pó-de-arroz sobre o rosto, para disfarçar o tom de pele amulatado que herdara dos avós.

Mário de Andrade morreu de infarto em 25 de fevereiro de 1945, com 51 anos. Nos últimos anos de vida, os versos trocaram a euforia pela amargura. Dizia aos amigos que não acreditava chegar aos 55 anos, e se queixava de doenças e falta de dinheiro. Na correspondência ao poeta Carlos Drummond de Andrade, Mário listava e zombava de seus males: úlcera, hemorróidas, sinusite, enxaqueca, dores nos rins, colites, gripes frequentes, estafas e depressões nervosas. "Estou me suicidando aos poucos", autodiagnosticou.

A polêmica em torno da personalidade de Mário de Andrade tem data para acabar — ou, quem sabe, aumentar ainda mais. Um pedido de Mário mantém as cartas que recebeu trancadas em cofre no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, até se completar 50 anos de sua morte. Para o escritor catarinense Salim Miguel, protagonista do Modernismo em Santa Catarina, os boatos em torno da vida pessoal de Mário de Andrade não merecem um destaque maior que sua obra. "Mais que um intelectual completo, Mário foi um incentivador da cultura nacional. Era um pesquisador obsessivo e um autor atencioso, que respondia a todas as correspondências", defende. A alma de Mário de Andrade promete servir de abrigo ainda para muita discussão.

Zé Dassilva



**A coadinha no olho:
primeiro sinal de cansaço.
A gravatinha no lugar, impecável,
avisando que ainda há muito
trabalho pela frente.
O dia é longo.**

**Ninguém tem nada a perguntar.
Nem a dizer. É o cotidiano.
Simplesmente a inércia do
dia-a-dia e nada mais.**



**"A vida é dura!"...
É negro. É pobre. É velho.
Os ombros pesam, a cabeça
abaixa, o olhar não mais
procura.**

METRÔ

Ana Carine

**As pessoas entostadas
no corrimão esperam...
Tão iguais e tão
distantes.
Tão cansadas.**



**A porta do metrô se abre.
É o signo de interrogação
pintado na parede de
concreto pontua a frase
que o rosto expressa:
"O que eu estou fazendo
aqui?"**

